

QUEM É O DONO DA VOZ? UMA EXPERIMENTAÇÃO RADIOFÔNICA EM UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTIL

Who is the owner's voice? - An experimentation of radio language in a children's Psychosocial Care Center

Ediana Ferreira Cereja de Souza¹
Cristiane Stoeber Dacal²
Thamires da Silva Souto³
Rosemeire Santos Soares⁴
Valter Nunes Sant'Anna⁵

Artigo encaminhado: 15/03/2016
Aceito para publicação: 29/04/2016

RESUMO: Este trabalho relata a experiência de uma Oficina de Rádio no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) II infantil Parelheiros, na cidade de São Paulo, motivada pela temática da sexualidade, desenvolvida a partir da parceria com a Rede de Enfrentamento Contra a Violência e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes da Capela do Socorro e Parelheiros. Objetivou trabalhar a vivência da sexualidade no cotidiano dos adolescentes do serviço, visando o desenvolvimento da autonomia, protagonismo e à redução de danos. As oficinas foram desenvolvidas de setembro a novembro de 2015, permanecendo em atividade até o momento, dado seu potencial na Atenção Psicossocial. Os encontros eram semanais, com duração de duas horas, coordenados por uma enfermeira, uma psicóloga e um oficinairo do CAPSi. Seu desenvolvimento resultou em um dispositivo de reabilitação/atenção psicossocial, que possibilitou a produção de novas linguagens, resignificação dos discursos e narrativas, bem como estabeleceu nova possibilidade contratual e emancipatória para estes adolescentes. A escolha para este artigo foi descrever o processo da oficina e o efeito desta nos usuários, protagonistas das ações. Trabalhar este processo com os adolescentes necessitou, por parte da equipe técnica, recorrentes intervenções no sentido de apoiar o reconhecimento das individualidades e sustentar o grupo na produção de sua identidade enquanto tal. Percebeu-se a aquisição de novas habilidades pelos adolescentes, mudanças positivas no sentido de marcar sua existência enquanto ser social, sujeitos de direitos, pessoas conscientes de seus desejos. Os protagonistas passaram a perceber o outro de maneira singular, respeitando as características individuais de cada um.

¹ Enfermeira do Centro de Atenção Psicossocial Infantil de Parelheiros – CAPSi/Parelheiros. Especialista em Enfermagem-Saúde Mental e Psiquiátrica pela UNIFESP. edianacereja@gmail.com

² Psicóloga pela Universidade Bandeirante de São Paulo e especialista em Aprimoramento Multiprofissional em Saúde Mental pelo Conjunto Hospitalar do Mandaqui. cris.stoeber@gmail.com

³ Psicóloga pela UNIFESP/ Campus Baixada Santista. Residente Multiprofissional em Saúde Mental da UNIFESP. soutothamires@gmail.com

⁴ Psicóloga pela Universidade de Santo Amaro. Atua como Psicóloga em uma Organização Social nas áreas de Psicologia Educacional, Social e Comunitária. meire_soares2000@yahoo.com.br

⁵ Médico na Associação Saúde da Família - CAPS II infantil Parelheiros. valternu@gmail.com

Palavras-chave: Saúde Mental; Centro de Atenção Psicossocial; Adolescência; Assistência à Saúde Mental; Vulnerabilidade social.

ABSTRACT: This study of case describes the experience of a Radio workshop at children's Psychosocial Care Center II located in São Paulo city at Parelheiros' neighborhood, motivated by sexuality theme, developed from the partnership with Combat Network Against Violence and sexual exploitation of children and adolescents of Capela do Socorro and Parelheiros' neighborhood. The project has as subject to work with the sexuality in daily lives of adolescents of this service, for the development of autonomy, protagonism and harm reduction. The workshops were developed from September to November 2015 keeping active now a days, given its potential in Psychosocial Care. The meetings were weekly lasting two hours, coordinated by three professionals from CAPSi, such as, a nurse, a psychologist and an art educator. Its development resulted in a rehabilitation/psychosocial care instrument that allowed the production of new languages, reframing of speeches and narratives, as well as the established of a new contractual possibilities and emancipatory possibilities for these adolescents. The choice was to describe the workshop's process and the effect of the users that were protagonists of actions. Working on this process with users required part of technical team recurrent interventions to support the recognition of individuals and support the group in the production of their identity. It was possible to realize the acquisition of new skills by adolescents, positive changes in order to mark its existence as social being, citizens of rights, people aware of their desires. The protagonists began to perceiving the other in a singular way, respecting the individual characteristics of each one.

Keywords: Mental Health; Psychosocial Care Center; Adolescence; Mental health assistance; Social Vulnerability.

1. INTRODUÇÃO

O Centro de Atenção Psicossocial Infantil II – CAPS i Parelheiros está situado na região sul de São Paulo, no território de Parelheiros, que, dentre suas diversas ações, integra a Rede de Enfrentamento Contra a Violência e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes da Capela do Socorro e Parelheiros. Esta rede tem por objetivo estabelecer ações, estratégias, instrumentalizar e compromissar trabalhadores dos territórios para o enfrentamento à violência e exploração sexual na região (São Paulo, 2010).

A Rede de Enfrentamento insere-se no PAIR (Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual, Infanto-Juvenil no Território Brasileiro), uma iniciativa do Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes (PNEVSCA), criado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, em 2003 (BRASIL, 2003).

A partir deste contexto, contemplando o Plano Operativo Local (POL) do Município de São Paulo, foi proposto para implementação do POL de Capela do Socorro e Parelheiros, que os serviços envolvidos desenvolvessem oficinas com a temática sobre sexualidade dos adolescentes, em suas diversas manifestações cotidianas, com o objetivo de apresentar na “Feira do Adolescente” em novembro de 2015. Diante disso, iniciou-se no mesmo ano a organização da Rádio CAPSi Parelheiros.

A equipe contou com a dedicação da enfermeira que participava das reuniões da Rede de Enfrentamento, uma psicóloga interessada em montar um grupo de adolescentes, e de umicineiro, recém-chegado ao serviço, com experiência em emissora de rádio, o qual propõe um modelo de oficina menos diretiva, tendo em vista a comunicação por meio de uma linguagem radiofônica. Dessa maneira, a Rádio operaria como dispositivo de dar lugar à voz, como uma proposta de inclusão no próprio território em que adolescentes convivem.

A percepção de que a voz e suas modulações podem, assim como acontece com os atores, representar outro sujeito que não o sujeito dono da voz, fez com que a equipe percebesse que poderia trabalhar com os usuários que tivessem dificuldades na interação social, a partir da temática da sexualidade.

Construir esta oficina em um serviço de saúde mental, com crianças e adolescentes, cujas limitações se referem fortemente a questões relacionadas à fala e comunicabilidade, tornou a proposta da oficina de rádio ainda mais desafiadora. A oficina teve inspiração na famosa Rádio TAM TAM, experiência construída na Rede de Atenção Psicossocial na cidade de Santos, que destaca a experiência radiofônica como artifício de (re)produção de cuidado, afeto e subjetivação no campo da Saúde Mental no Brasil (AMARANTE et al, 2012).

Nesse sentido, pode-se dizer que o sujeito, não precisando ter sua imagem em evidência, conseguiria baixar suas defesas egóicas, deixando aparecer seus conteúdos mais obscuros, íntimos e, até mesmo, desconhecidos, proporcionando a (re)construção de sua subjetividade (GOBBI, 2009).

Não havia pretensão de formar profissionais, artistas, ou mesmo criar nos jovens participantes este cenário de expectativas. Pensou-se na rádio como meio, não como fim: um meio para pensar cidadania, um meio para soltar uma voz que não fala, uma fala que não expressa, uma expressão que não comunica. Para isto, valer-se-ia do pretexto da arte, a fim de comunicar:

(...) toda arte, com a evolução de seus criadores, inevitavelmente se modifica, porém menos do que se imagina; sempre mantém sua função simples e nobre, indispensável aos homens, que é comunicar (...) (KUPKA, K., 1962, apud DELIGNY, F., 2015, p. 83)

O indivíduo fala, mas não é ouvido, existe, mas também não é visto, e, desta maneira, torna-se mudo e invisível. Entretanto, não significa que ali não haja som ou imagem; trata-se de uma não comunicação com seu interlocutor, o qual ocupa um lugar do outro que não o vê e também não o escuta, porque está acostumado com linguagens e alheio a tudo que não seja já formatado anteriormente (DELIGNY, 2015).

A equipe se apoiou neste autor para apostar em uma rádio onde os apresentadores e repórteres têm problemas com a fala e com o expressar-se dentro dos padrões convencionais. O sentido da rádio se dá ao se tratar de um dispositivo de dar lugar à produção de novas linguagens e à possibilidade de nova significação dos discursos e narrativas:

(...) quando a voz falta, o indivíduo é, então, privado do poder de expressar - se - e expressar-se veio a ser o privilégio mais precioso, que todo o mundo, ao que parece, reivindica ou deveria reivindicar (DELIGNY, 2015, p. 213).

A oficina também foi norteada pelas diretrizes do Estatuto da criança e do Adolescente/ECA (Brasil, 2012), que considera a criança e o adolescente sujeito de direitos, como declarado no artigo 3º:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, p. 31, 2012)

Assim, a rádio também pretende garantir a cidadania dos adolescentes, através de ações que viabilizem o direito à vida, à saúde, à educação, ao lazer, à

profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

A reabilitação psicossocial, que tem em Saraceno um de seus principais representantes, é considerada como fundamental no resgate da autonomia. Nesse sentido, a saúde mental precisa estar permeada pela reabilitação psicossocial, que visa à reconstrução dos valores e promoção do poder contratual do usuário. Dessa forma, criam-se condições para que o usuário possa participar de processos de trocas sociais, a partir da produção de dispositivos que, por meio de experimentações e mediações, proporcionem a adjudicação de valores para o intercâmbio. (LUSSI;PEREIRA; PEREIRA JUNIOR, 2006)

A proposta vinha ao encontro de processos emancipatórios, relacionados a cidadania, bem como a própria rádio se materializava como um meio dentro do processo de reabilitação/atenção psicossocial: um meio que conduzisse para fora, em amplos sentidos, no sentido da fala que comunica e encontra interlocutor, no sentido do entretenimento e diversão, do desenvolvimento das relações e da promoção do poder contratual de seus atores (LUSSI;PEREIRA; PEREIRA JUNIOR, 2006; SÁ; OLIVEIRA, 2007)

A Rádio surge, então, como uma experimentação para trabalhar o tema da sexualidade, que foi se tomando coadjuvante e a equipe surpreendeu-se com o efeito de reabilitação/atenção psicossocial nos usuários, visto que os adolescentes não apresentaram uma resposta tão efetiva às propostas terapêuticas anteriores. Repentinamente, adolescentes com alto comprometimento na interação social, dicção, cognição, relacionamento interpessoal, hiperatividade, quadros de depressão maior e tentativa de suicídio, bem como cumprindo medida socioeducativa e vivendo em situação de alta vulnerabilidade social, estavam desenvolvendo roteiros e pautas, formatando programas, organizando-se para apresentar matérias e com agenda para eventos. Dessa forma, a *Rádio CAPSi - Parelheiros* emerge como dispositivo de intercâmbio de mensagens, afetos, arte e cultura.

2. A Experiência Radiofônica:

O modelo pensado seria para uma rádio de auditório, onde seus atores mostram suas habilidades. Após três meses de ensaios, laboratório e pesquisas a rádio é inaugurada.

Utilizando-se a “via”⁶ da comunicação, a oficina veio então como uma ferramenta potente, capaz de construir ou reconstruir, antes de tudo, um universo de subjetividades, que, por ausência da fala sem voz e da voz sem comunicação, estes jovens foram privados do direito básico da reivindicação pela “via” da palavra oralizada (DELIGNY, 2015).

A amplificação e metalização da voz gravada via microfone também contribui para a disposição e o desprendimento. Perante o microfone, sem a presença de câmeras, nem sempre o sujeito se reconhece na voz gravada e amplificada pelo microfone. Logo, se não existe reconhecimento imediato, como aconteceria no caso da imagem filmada ou fotografada, existe uma suspensão de censuras e da autocrítica imediata, que faz com o sujeito dono da voz permita-se, de maneira mais relaxada, à experiência proposta.

Cada indivíduo possui uma voz singular com formas particulares de articulações, mesmo que produzida por um mecanismo anatômico comum a todos os seres-humanos (PICCOLOTTO, 1980). No processo de formação da voz, considera-se como fatores determinantes: a herança genética e a conformação orgânica na produção e emissão da voz; as emoções que são refletidas pelas diferentes vozes; e os aspectos culturais e sociais que influenciam na maneira como a voz é utilizada pelo indivíduo (FERRARETTO, 2001).

Portanto, é preciso pensar na voz que é produzida pelos usuários. Deve-se levar em consideração como essa voz opera sócio-culturalmente, de qual território fala, para quem ela comunica (e se comunica) e como ela se coloca para o mundo.

Para escutar essas vozes, torna-se necessário desconstruir os padrões estéticos radiofônicos. Deve-se buscar e encontrar outros lugares, outras posições, outros pontos, vírgulas e pausas. Mais do que a fala, o texto e a dicção, experimentou-se por vezes o silêncio, que emergiu como grande desafio nesta experiência.

Ao longo do processo, foi necessário diminuir as expectativas e voltar inúmeras vezes ao ponto principal, o objetivo deste grupo, tão singular. Para que todos, protagonistas e coadjuvantes (profissionais da equipe) deixassem se envolver na experiência do encontro e no efeito deste em cada um.

⁶ Utilizar-se-á o termo “via” para identifica traço e acesso, de acordo com o processo de pesquisa de Fernand Deligny (2015).

Enfim, para escutá-las e possibilitar esses novos lugares, torna-se fundamental conhecer as vozes dos protagonistas dessa experiência radiofônica, que se transformou em ações da Atenção Psicossocial.

2.1. Os Protagonistas

Os protagonistas deste cenário são adolescentes inseridos neste CAPSi, há mais de seis meses, com idades entre 14 e 18 anos e diagnósticos variados com algum comprometimento nas relações sociais. Foram encaminhados para o grupo através de suas referências técnicas⁷ como parte de seus projetos terapêuticos singulares (PTS). Os nomes originais foram substituídos, a fim de garantir o anonimato e preservar a identidade dos usuários.

Antônio: 18 anos, com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Ficou recluso por um ano em Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente - Fundação CASA/SP. Atualmente, encontra-se em regime de Liberdade Assistida (LA). Mostra-se introspectivo, tímido, verbaliza somente quando estimulado e, mesmo assim, de forma monossilábica, mas demonstra interesse em aprender coisas novas. Durante o período que passou recluso, escreveu letras de músicas que falam sobre o amor para com o outro.

Jennifer: 17 anos, teve uma tentativa de suicídio por intoxicação exógena. Nos momentos de crise, se auto-mutila com cortes nos braços que geralmente são cobertos pelo uso de moletons. É bela e demonstra preocupação e cuidados com os cabelos que estão sempre muito bem alinhados. Articula a fala com facilidade, através da voz suave e marcante. O contato com o outro se dá de forma reservada; contudo, à medida que este acontece torna-se próxima, mantendo certa “desconfiança”.

Luciano: 16 anos, apresenta deficiência intelectual leve. Estabelece contato distanciado, por vezes intolerante, necessitando de intervenções pontuais. Participa ativamente dos projetos desenvolvidos no CAPSi, onde evidencia-se a dificuldade

⁷ No CAPSi de Parelheiros utiliza-se o Técnico de referência como gerenciador de caso.

de interação. Na verbalização é repetitivo com dificuldade na articulação do discurso, o que denota um esforço e paciência do ouvinte.

Marianny: 16 anos, apresenta rebaixamento cognitivo. Expansiva no contato com o outro, que produz dificuldade para relacionamentos interpessoais. Possui crítica prejudicada acerca das consequências de seus comportamentos inadequados. Apresenta boa circulação no território, carismática e comunicativa. No discurso tem trocas fonêmicas e dificuldade de dicção, o que compromete a compreensão de suas palavras. Frequentou a escola, porém não é alfabetizada. Ao referir-se sobre sua condição, costuma dizer: *“sou especial”*.

Silvinho: 16 anos, foi diagnosticado na primeira infância com deficiência intelectual e Transtorno do Espectro Autista. Abandonado por sua mãe, que escolheu deixá-lo e levar com ela os irmãos que não davam problemas. É cuidado pelo pai e busca constantemente um lugar e uma família. Tem como espaço de circulação social o CAPSi e a Igreja Evangélica que frequenta, muito comum na comunidade de Parelheiros. É bastante comunicativo, com certa “curiosidade” sempre presente através de perguntas, gosta de abraçar e beijar. Tem um “amigo imaginário” que o acompanha em todos os momentos participando ativamente dos diálogos estabelecidos.

2.2. Os Encontros

Os encontros aconteciam uma vez por semana com duas horas de duração. O objetivo inicial era de preparar o grupo para o evento da *“Feira de Adolescentes”* (ação de promoção de saúde e cidadania realizada pela Rede de Enfrentamento citada).

No primeiro encontro, os profissionais utilizaram jogos e técnicas teatrais para se conhecerem, proporcionando um ambiente descontraído. Assim, foram se apresentando de forma simples, discreta e peculiar em meio a risos e gargalhadas, como é o universo adolescente.

Quando se propôs falar sobre o objetivo do grupo, houve um silêncio muito longo por parte dos usuários, enquanto os profissionais tentavam estabelecer um

diálogo. Após aproximadamente 40 minutos de silêncio dos usuários, quebrado apenas por risos nervosos, pouco a pouco as vozes foram falando. Foi possível, então começar a conversar sobre o motivo de estarem ali e as propostas da Rede de Enfrentamento. A temática da sexualidade na adolescência foi colocada em pauta; sutilmente uma pergunta ou outra emergência.

Ao final desse primeiro encontro, a equipe percebeu que os adolescentes teriam outro tempo e que talvez fosse preciso avançar além do tempo cronológico determinando para a realização do grupo. Percebeu-se também que seria necessário desenvolver outras estratégias para falar do tema, que não apenas rodas de conversa.

No segundo encontro, utilizou-se do silêncio como parte do processo o qual foi disparado pelos profissionais que usaram sinais e mímicas para se comunicar, na tentativa de deixar claro que no silêncio também pode haver linguagem e comunicação. Depois desse jogo semiótico, de signos e símbolos comunicantes (Santaella, 2004), partiu-se para mais um período de silêncio e risos curtos, mas, desta vez, as falas vieram mais rapidamente.

Um recorte interessante destes encontros se deu entre Marianny e Antônio, em que esta se auto declara “a novinha”, e logo inicia sua “paquera” a Antônio, que se quer percebe o charme da “novinha”.

Durante os primeiros encontros, os protagonistas ficaram encantados ao ouvir suas “vozes *amplificadas*”, e o microfone em muitos momentos passa a ser o centro de atenção e de disputa entre eles, pois a possibilidade de ser ouvido através de suas próprias vozes aparece como um encanto, antes mesmo da organização do pensamento pela fala manifesta. A voz passou a ser ouvida e veio à preocupação com *o que se fala e como se fala*; o pensamento passou a ser organizado para a produção da fala que até então não era ouvida com tantos “agudos e graves”.

Durante esse processo, novos jogos foram propostos, entre eles, um jogo de criar histórias coletivamente, a partir de uma palavra disparada, em que a próxima pessoa deveria dar continuidade à parte criada pela anterior. Este jogo foi importante para entender a capacidade de improviso e narrativa dos membros do grupo.

A dinâmica revelou longas pausas entre uma palavra e outra, principalmente na fala do usuário Luciano, o qual era identificado pela equipe como possível

usuário a assumir a função de locutor âncora⁸, fala sobre o papel do locutor. Entretanto, tinha dificuldade em retomar e complementar a frase do outro, como se estivesse buscando em algum lugar a palavra seguinte da frase. Verbalizou para o grupo: “*eu sei o que tenho que dizer, mas a palavra não sai*”.

Essa dificuldade, “a palavra que não sai” de Luciano, tornou-se uma questão a ser trabalhada pelo grupo, que encontrou como possibilidade recorrer à criação de um jargão: “*vamos de música!*”. No momento que Luciano percebia a falta da palavra e se fazia um silêncio maior entre suas falas, estabelecia uma troca de olhares com Antônio, que estava no comando da mesa de som. Por sua vez, Antônio percebia que Luciano estava na busca da palavra e fazia sinais com as mãos no fone de ouvido e, rapidamente, Luciano soltava o jargão “*vamos de música!*” e Antônio disparava a música da mesa de som. Quando Luciano recuperava a palavra, fazia sinal com a mão direita para baixo e Antônio diminuía o volume da música e a locução voltava.

Nesse sentido, pode-se dizer que, ao longo dos encontros e do movimento de grupo estabelecido entre os protagonistas, também se trabalhou a percepção corporal. Esse combinado proporcionou momentos de descontração e muitas risadas pela “confusão” entre a sincronização dos movimentos e o ouvir, ver e falar.

Aos poucos a Rádio ia se construindo com as limitações, assumindo seu próprio padrão de narrativa radiofônica. Os encontros avançavam produtivos e a cada novo encontro novos problemas e novas soluções.

Outra desconstrução do processo de uma rádio tradicional se deu à medida que o grupo percebeu que teria que abrir mão do roteiro pré-escrito, pois nem todos na rádio conseguiam ler ou liam com dificuldade. O grupo solucionou criando um roteiro oralizado, conduzido por Jennifer, que ficava responsável por ler as pautas para todos. Após esta leitura, escreviam pequenos tópicos com letras grandes na mesa, faziam um breve ensaio e a Rádio entrava no ar!

Marianny teve destaque, onde por sugestão de Antônio ganhou um programa de rádio chamado “*circulando com Marianny*”, em que entrevistava convidados e falava sobre os “rolês” dos adolescentes no território.

Palavras-chaves foram criadas para serem disparadoras e articular dinamicamente a fala entre os participantes. Era importante que os adolescentes se

⁸ Considera-se o que Ferraretto (2001) disserta sobre o papel do locutor.

olhassem o tempo todo: por exemplo, se Marianny estivesse entrevistando alguém e, por algum motivo, encontrasse dificuldades com as palavras, ela disparava "É com você, Luciano". O "é com você" sinalizava a Luciano entrar com sua voz e auxiliar Marianny a explicar sobre o assunto que estava com dificuldade. A partir desse exercício, criou-se uma rede de cumplicidade e confiança entre os jovens.

A "Feira de adolescentes" foi o marco oficial para a apresentação da *Rádio CAPSi - Parelheiros*, que ficou no comando da apresentação e logo tornou-se o centro de encontro dos adolescentes que ali estavam presentes, numa troca de vivências e conhecimentos.

Antônio foi o operador de mesa de som, com grande desenvoltura na operação de um emaranhado de comandos, juntamente com Luciano que se mantinha como âncora na programação e apresentação. Jennifer era a "repórter volante", fazendo entrevistas junto ao público participante do evento.

Além da feira, outros três eventos foram importantes para a consolidação da "Rádio CAPSi Parelheiros": o Sarau Ocupasul realizado no próprio CAPSi Parelheiros, conjuntamente com o CAPS adulto e o CAPS infantil Capela do Socorro, levando arte e cultura para o território; a abertura da amostra de artes do Ateliê Móvel do CAPSi Parelheiros realizado na Funart (Fundação Nacional de Artes de São Paulo), em que ocorreu a exposição dos trabalhos artísticos produzidos pelos usuários nas oficinas de arte, e também se comemorou o aniversário de cinco anos do CAPSi Parelheiros; e ainda o Carnaval 2016 no próprio CAPSi, festa aberta para a comunidade com a participação dos profissionais, usuários e familiares do serviço.

Estes eventos operaram também na concretização da proposta de atenção psicossocial, uma vez que possibilitaram aos adolescentes: ocuparem novos espaços além do território de origem; circularem com seus trabalhos carregados de suas subjetividades; exercerem ativamente funções de responsabilidade, para além do entretenimento e lazer; ampliarem seu poder contratual na relação com os outros; e, principalmente, se sentirem de fato pertencentes ao universo social como um todo.

Na segunda apresentação ao vivo da Rádio foi quando Silvinho, que já havia participado de maneira informal, pede de forma singular para fazer parte do grupo da rádio Pegou o microfone inúmeras vezes, sendo preciso orientá-lo e

contextualizá-lo sobre o uso. Seu profissional de referência endossa o pedido acreditando que este espaço poderia ser transformador para ele. Em um primeiro momento, houve uma grande preocupação; os profissionais não conseguiam vislumbrar um lugar para ele no grupo, pois apresentava um comportamento muito disperso, não conseguia se concentrar e tinha um amigo imaginário ao qual conversava com ele o tempo todo.

No primeiro encontro que participou ficou nítido seu fascínio pelo microfone, querendo falar e cantar músicas evangélicas. Foi preciso recomeçar com Silvinho, desconstruindo nele a ideia do microfone como "Fala do pastor". Segundo o próprio Silvinho: - *"o pastor é abençoado porque ele tem um microfone"*. Outro ponto forte em Silvinho foi tirar o gutural da voz, e fazer com que respirasse e falasse sem gritar a partir de técnicas de respiração.

Silvinho, por iniciativa própria, trouxe um telefone celular, com músicas em mp3 e começou a definir a *playlist* da rádio. A partir deste dia, também assumiu o papel de técnico da montagem de equipamentos. Aprendeu a ligar e desligar mesas e cabear equipamentos.

A participação nos eventos foi cada vez mais aprimorada pelos adolescentes que compõem o grupo e a rádio foi marcando seu espaço e consolidando sua existência, no serviço, na equipe e no território.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo se mantém com a mesma frequência. Alguns adolescentes não estão mais frequentando o grupo, contudo ganhou novos integrantes e vem recebendo convites para participar de eventos que envolvam adolescentes dentro e fora do território. Outros profissionais da equipe também se interessaram em compor esta oficina.

Neste processo, foi possível perceber a aquisição de novas habilidades pelos adolescentes, mudanças positivas no sentido de marcar sua existência enquanto ser social, sujeitos de direitos, pessoas conscientes de seus desejos. Percebe-se também a melhora na autoestima e do auto-cuidado, mostram-se mais comunicativos e abertos ao diálogo.

Silvinho, que antes "gritava" ao falar no microfone, hoje consegue falar com desenvoltura e fazer entrevistas através de perguntas e respostas. Está mais

sereno, atento e adequado às pontuações que lhe são feitas. Luciano desenvolveu fluência verbal, formula perguntas coerentes com o tema abordado e está mais tolerante as diferenças dos demais. Marianny mantém sua espontaneidade, consegue permanecer no grupo até a finalização.

Os protagonistas passaram a perceber o outro de maneira singular, respeitando as características individuais. Trabalhar este processo com os adolescentes necessitou por parte da equipe recorrentes intervenções no sentido de apoiar o reconhecimento das individualidades e sustentar o grupo na produção de sua identidade enquanto tal. (MONTREZOR, 2013)

O fato de ser ouvido e se fazer ouvir através do outro, com o outro e pelo o outro, produziu nesses adolescentes o reconhecimento de suas potencialidades enquanto imersos nas relações sociais, com suas limitações que trabalhadas possibilitaram a criação de novos potenciais.

Faz-se alusão neste processo à letra da música *A voz dono do voz e o dono da voz*, de Chico Buarque de Hollanda (1981), onde em diferentes momentos os coadjuvantes, que por vezes refletiam sobre o efeito deste processo nos protagonistas, se amparavam na arte, na arte em Chico, para entender o lugar da voz nestes adolescentes. Chico, de forma única, consegue expor em sua letra: "às vozes *Deus só deu seu Dó.*" Não só uma nota musical, mas, para a equipe, coadjuvante, refere o lugar social, vulnerável e desacreditado destes garotos de Parelheiros.

Assim, ao voltar ao sentido desta oficina - *Radio CAPSi Parelheiros* - que se deu ao tratar-se de um dispositivo para dar lugar à produção de novas linguagens e à possibilidade de nova significação dos discursos e narrativas. Pode-se então, afirmar que a voz ganhou seu dono e assim hoje sabemos quem é o dono da voz.

"E disse: Minha voz, se vós não sereis minha
Vós não sereis de mais ninguém" (HOLLANDA, 1981).

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo; FREITAS, Fernando; NABUCO, Edvaldo; PANDE, Mariana Nogueira Rangel. Da diversidade da loucura à identidade da cultura: o movimento

social cultural no campo da reforma psiquiátrica. **Cad. Bras. Saúde Mental**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, , p. 125-132, 2012.

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente. **Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Edição revisada e atualizada. São Paulo, 2012.

BRASIL. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Programa Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual com crianças e adolescentes**. Disponível em: http://www.escoladeconselhospara.com.br/upload/arq_arquivo/1285.pdf Acesso em 16 de março de 2016.

DELIGNY, Fernand. **O Aracniano e outros textos**. Traduzido por: Lara de Malimpensa. São Paulo, n-1 edições, 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. **O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001

GOBBI, Adriana Silveira. **Uso de mecanismos de defesa no período de latência**. 103folhas. Dissertação de Mestrado – Faculdade Psicologia, Pós-Graduação em Psicológica Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/4916> . Acesso em 13 de março de 2016.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **A voz do Dono e o Dono da Voz**. Intérprete: Chico Buarque. In: Almanaque. Faixa 4. [s/l]. 1981.

KUPKA, Karel. Um art à l'état Burt. **Peintures et sculptures dès aborígenes d'Australie**. Lausanne: La Guilde Du livre, 1962.

LUSSI, Isabela Aparecida de Oliveira; PEREIRA, Maria Alice Ornellas; PEREIRA JUNIOR, Alfredo. A proposta de reabilitação psicossocial de saraceno: um modelo de auto-organização? **Rev Latino-am Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.14, n.3, 14(3):448-56, Maio-junho, 2006

MONTREZOR, Janaina Bussola. A Terapia Ocupacional na prática de grupos e oficinas terapêuticas com pacientes de saúde mental. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 529-536, 2013.

PICCOLOTTO, Leslie. **Técnicas de impostação e comunicação oral**. Edicoes Loyola, 1980.

SÁ, Roberta Araújo Rocha; OLIVEIRA, Eliany Nazaré de. Reabilitação psicossocial: um enfoque dessa prática na rede de atenção integral à saúde mental. **SANARE**, Sobral, v.6, n.2, p.49-55, jul./dez. 2005/2007.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo; Brasiliense, 2004.

SÃO PAULO. Rede de Enfrentamento Contra a Violência e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes da Capela do Socorro e Parelheiros. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://rededeenfrentamento.blogspot.com.br/p/rede.html>
Acesso em: 13 de março de 2016.

SÃO PAULO. Rede de Enfrentamento Contra a Violência e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes da Capela do Socorro e Parelheiros. **Implementação do Plano Operativo Local de Capela de Socorro e Parelheiros**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B0n7SldcVJg0cndHX1cwTjJLVE/view?pli=1> acesso em 13 de março de 2016.